



NO PINTCHA

ÓRGÃO DO MINISTÉRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFONES: 3713/3726/3728 — BISSAU

EGIPTO — PRESIDENTE SADATE ASSASSINADO (Pág-8)

BOLANHAS DE YUSSI
INUNDAÇÕES
IMPEDEM
PLANTAÇÃO
DE ARROZ



(ver página 2)

DIRIGENTES REGIONAIS ANALISAM PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Com o objectivo de prosseguir os estudos da problemática do desenvolvimento Regional, decorre em Bissau o II Encontro com os dirigentes estatais das oito regiões administrativas, promovido pela Direcção-Geral da Administração Interna. A conferência, cuja abertura se efectuou na segunda-feira passada no salão nobre do Ministério da Justiça, prolonga-se até sexta-feira sob a presidência do camarada João Cruz Pinto, colaborador do Conselho da Revolução e Ministro Sem Pasta.

Após a apresentação de um vasto relatório pelos dirigentes regionais sobre o estado de cada região e do Sector Autónomo de Bissau, a reunião prossegue com uma análise aprofundada da situação e das perspectivas de desenvolvimento.

Participam nesta conferência os Presidentes dos Comités Regionais do Estado, Secretários Regionais, representantes dos diferentes Ministérios e Secretarias de Estado. Recorde-se que o I Encontro realizou-se de 9 a 14 de Abril do corrente ano, devendo o III Encontro efectuar-se entre os próximos meses de Dezembro e Janeiro.

JAAC EM FASE DE REACTIVAÇÃO

A Comissão Nacional da Juventude Africana Amílcar Cabral (JAAC), encontra-se reunida, desde ontem, em Bissau, no salão do Secretariado do PAIGC. Durante o encontro, que deverá durar mais de dois dias, aquele órgão máximo da nossa organização juvenil procederá a reestruturação dos organismos da direcção e remodelação do Comité de Solidariedade, entre outros pontos da ordem de trabalhos.

O camarada Fidélis Cabral de Almada, responsável pela secção de organização de Massas do CNG, que procedeu à abertura solene da reunião, depois de situar a importância do encontro no quadro da nova conjuntura política que vivemos, afirmou-se convencido e manifestou a confiança da «velha guarda» na capacidade da juventude em cerrar às fileiras contra os inimigos da revolução.

O relatório do Secretário Nacional da JAAC, camarada Adelino Nunes Correia, que poderá ser adoptado como documento de trabalho, além de constituir uma análise sucinta da evolução da JAAC desde a sua fundação há sete anos, aponta para a dinamização e reactivação das actividades da Organização perante as perspectivas que se abriram com o 14 de Novembro.

Sobre as tarefas que caberão à Juventude, o camarada Adelino Nunes Correia salientaria a sua implantação nas FARP, e a restauração da nossa cultura. «A JAAC deve organizar excursões aos locais onde se desenrolou a nossa Luta de Libertação Nacional, restaurá-los e aproveitá-los para a educação dos jovens, através de exemplos de civismo, patriotismo, coragem, firmeza e abnegação», disse, a propósito.

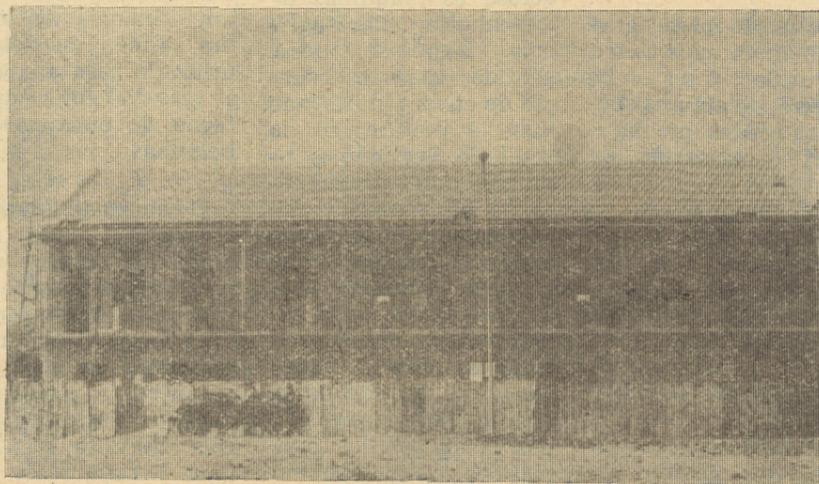
EXECUÇÃO NA GÂMBIA

●
CRISE NO SUDÃO

●
MINEIROS EM GREVE NA LIBÉRIA

(pág-7)

O "HABITAT" NO PAÍS



ver pág-3

YUSSI: Inundações impedem sementeira

As populações das 14 tabancas que rodeiam a bolanha de Yussi (no sector de Tite) precisam de ajuda. Mais uma vez, as inundações impedem os camponeses de plantar o arroz. Alguns já emigraram, em busca de terras de lavoura para sobreviverem.

Em Abril de 1980, os órgãos de informação nacionais faziam eco de um gigantesco trabalho levado a cabo pelos camponeses afectados pelo catástrofe. Era a abertura de um canal de escoamento de água, feito, em grande parte, à base do esforço braçal dos lavradores locais, apoiados por máquinas do Departamento de Hidráulica Agrícola e Solos, do Ministério do Desenvolvimento Rural.

Porém, neste preciso momento (particularmente em Agosto e Setembro findos) as populações locais viram-se de novo envolvidos numa situação de «engolir elefantes». As águas pantanosas invadiram de tal forma toda a extensão que os camponeses das 14 tabancas limítrofes não conseguiram plantar arroz a tempo. Está em causa a segurança alimentar de um milhar e meio de pessoas que praticamente vivem da produção de arroz daquela bolanha.

O facto foi motivo de uma reunião realizada em meados de Setembro entre os moradores das tabancas em referência e os responsáveis do Departamento de Hidráulica Agrícola e Solos. O director deste departa-

mento, camarada Francisco Lúcio, contactado em Bissau sobre o assunto, confirmaria tal estado de ameaça de fome para os habitantes que vivem da bolanha de Yussi. Alguns de entre eles, apercebendo-se

já desse perigo, decidiram abandonar a zona indo refugiar-se na região de Tombali, de Bafatá, e até mesmo no Senegal. Na sua maior parte, esses emigrantes pertencem a camada jovem, de acordo com as informações recolhidas nas tabancas.

Para o camarada Francisco Lúcio, a intervenção do Desenvolvimento Rural nesse tipo de obras agrícolas não resolve o problema, com o material simples de que dispõe. O canal do rio Louvado (que banha a bolanha de Yussi) necessita de ser desassoreado com um equipamento pesado apropriado para o terreno. Porque quando a intervenção é fraca e os resultados no terreno forem também diminutos, o seu impacto pode contribuir para o desencorajamento dos camponeses e, de certa forma, deixá-los com pouca confiança no Governo.

RETROSPECTIVA DO CANAL

Sabe-se que nos anos 50 o rio Louvado (afluente do Geba) já causava dificuldades de distribuição de água naquela planície pantanosa, o que obrigou a abertura do canal, sob a orientação de Amílcar Cabral, então engenheiro agrónomo. Entretanto, no decorrer dos anos, o canal foi sofrendo assoreamento provocado pelo depósito de areia, lodo e de objectos sólidos arrastados pelas águas do rio.

A situação foi-se agravando ainda mais com a destruição, durante a guerra, de algumas pequenas pontes que regulavam a passagem de água. Nas épocas de muita pluviosidade, a água doce enche toda a extensão do terreno, transformando a bolanha num lago navegável por canoas. Como seria possível plantar arroz em semelhante terreno?

Foi devido à persistência dos pedidos daqueles lavradores, de-

pois da libertação, e, sobretudo, visando o aproveitamento dos cerca de 16 mil hectares de terra cultivável, que o Desenvolvimento Rural decidiu iniciar, em 1979/80, a abertura de um canal principal e de outros secundários, ao que as populações aderiram prontamente rasgando o lodagal à base do arado. Atingiram-se 3 500 metros no seu total.

Esperar-se-ia, com isso, ver solucionado o problema das inundações em Yussi?

«De forma nenhuma estávamos convencidos disso. A nossa intervenção representava apenas uma tentativa de melhorar parte da drenagem de água naquela bola-

com vista a abrir mais canais secundários.

Seriam necessárias pelo menos máquinas e tractores de lagartas maiores (LPG), próprias para o lodo, algumas pás escavadoras de braço longo, do tipo «dragline», além de outros equipamentos considerados indispensáveis para as obras do género.

Com os meios presentemente a disposição do DHAS, o camarada Francisco Lúcio assinala a necessidade de o canal ser desviado até as zonas da tabanca de Nam. Esse desvio deverá ter um comprimento de nove quilómetros, altura em que atingirá o rio na zona da sua maior largura.

O DHAS considera absolutamente necessá-

de criação de centros regionais do DHAS em Quínara e Tombali.

Torna-se indispensável a concretização de tais intenções, na medida em que a gravidade da situação de segurança da produção alimentar não se confina apenas à bolanha de Yussi. A situação não é menos grave nas zonas de Bissasema, Nhala de Cima, Feninqué e Foia, igualmente situadas em torno do sector de Tite (confinadas no rio Feninqué), onde grande parte das bolanhas não é aproveitada por causa dos problemas de excesso de água. Daí a responsabilidade do Governo na procura de financiamentos viáveis e aumento de apoio às populações na

Dos Leitores

Despedimentos no 24 de Setembro

Pela primeira vez dirijo-me ao nosso jornal para apresentar um problema que embora possa não ser considerado essencial mas merece a nossa atenção. O assunto que me proponho apresentar não é um tema novo para os que tentam seguir as aspirações do nosso povo após o 14 de Novembro.

Recordamos que no primeiro de Maio o camarada Comandante de Brigada, Nino Vieira, falou de certos abusos dos directores de departamentos e empresas de suspenderem um trabalhador de serviço sem justificação e sem que este tenha praticado algum acto de violência ou roubo. Mas isso continua ainda no Hotel 24 de Setembro.

Por exemplo: eu sou director e se um dos meus parentes necessita de trabalho, tenho que arranjar problemas com os outros trabalhadores dizendo que não estão a trabalhar bem para poder dar o lugar ao meu familiar.

Acho que o camarada Kabi levantou na noite de 14 de Novembro para acabar de uma vez para sempre com o nepotismo, amiguismo alimentado pelo regime deposto, contra os interesses do nosso povo.

A razão desta minha carta é que há pouco tempo foram suspensos seis trabalhadores do Hotel 24 de Setembro. Estes por sua vez dirigiram-se a nossa Central Sindical para ver se resolviam o seu problema porque é injusto que um trabalhador tenha prestado serviço durante seis anos e seja suspenso só porque o director está contra ele.

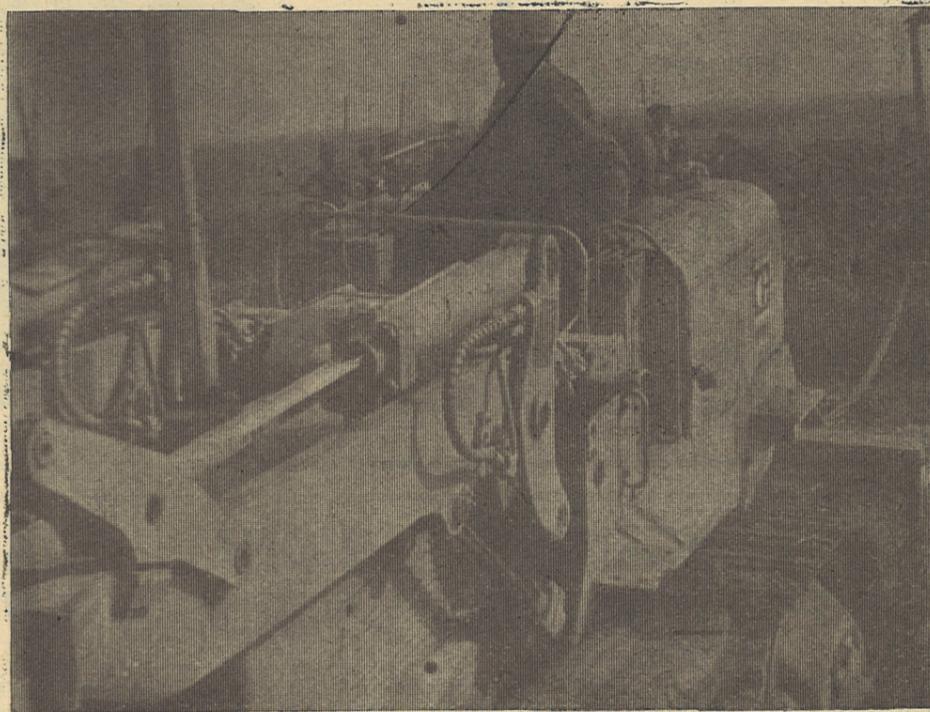
Camarada, quem te tira de serviço é melhor matar-te porque a vida está cada vez mais cara. E o que pode um homem fazer se não tem trabalho?

Se todos os Ministérios, empresas públicas e privadas e outras repartições resolverem fazer isso como é que o país poderá ter quadros profissionais?

É preciso vermos bem as coisas e deixá-las bem claras. Nunca devemos aproveitar uma determinada situação para satisfazer outras. E isso é uma das razões porque houve o 14 de Novembro.

Para fazer reconstrução nacional, construir uma economia forte, fazer justiça social e progresso é necessário o esforço de todos nós, por isso não podemos suspender ninguém sem razões fortes.

MOHAMED SALK



Aspecto dos trabalhos realizados no ano passado. Apesar de tanto esforço de rasgar os canais à mão, os camponeses não viram os resultados este ano

nha, dado que o nosso departamento não possui máquinas suficientes e apropriadas para o terreno local, geralmente de lodo» — explicou o engenheiro Lúcio.

RECORRER A MAIS FINANCIAMENTOS

Além do lodo que abunda no local, há tarrafas ao longo do rio cujo canal torna difícil o acesso às máquinas de engenharia hidro-agrícola. Impõe-se, nesse sentido, uma intervenção de envergadura, com vista à rectificação do seu leito. Segundo as intenções do Departamento de Hidráulica Agrícola e Solos (DHAS), pequenos trabalhos vão sendo programados, apesar de aquela bacia hidrográfica de 19 mil hectares estar a exigir um outro tipo de intervenção. Serão prosseguidos vastos estudos topográficos para determinar melhores linhas de água

rio e urgente um financiamento externo para a caracterização dos planos que tem em curso nessa zona. Um projecto de financiamento complementar está a ser feito para a obtenção de material para o efeito. O projecto destina-se ao Banco Árabe para o Desenvolvimento Económico em África (B. A. D. E. A.), organismo que já tinha concedido ao Desenvolvimento Rural um financiamento de um milhão de dólares, utilizado para a compra de material empregue no fecho de outros rios e bolanhas.

O camarada Francisco Lúcio vai ainda mais longe. Os técnicos agrícolas acham muito importante a montagem de uma engenharia rural nas zonas de Tite, que garantisse apoiar as obras de hidráulica agrícola durante longos anos. Estaria nessa base a ideia de um projecto

recuperação de bolanhas, única via para proteger aqueles campos agrícolas, antigamente grandes produtores de arroz. Por exemplo, só a bolanha de Yussi, aproveitada na sua totalidade, pode produzir arroz suficiente para abastecer a cidade de Bissau durante um ano!

Entretanto, apensar de toda a ameaça de fome que paira sobre a população local, os camponeses continuam a lutar e a envidar todos os esforços, aproveitando, desde já, as partes mais altas das bolanhas (próximas das tabancas) onde estão presentemente a efectuar a repicagem, à medida que diminuem as chuvas. Uma outra forma de salvação é a produção de mandioca, muito praticada nas nozas.

O "habitat" nas prioridades do desenvolvimento (1)

Na perspectiva de uma formação Sócio-Económica em evolução, impõe-se como condição essencial ao desenvolvimento de novas relações de produção, a necessidade de uma política económica e social coerente.

a) O estabelecimento de uma base material permitindo um desenvolvimento rápido das forças produtivas.

b) Pôr a disposição das massas populares os elementos necessários a produção da sua força de trabalho no quadro da satisfação das necessidades sociais mais urgentes (saúde, educação, infra-estruturas, transportes, etc.).

Em relação a este último objectivo, como é que o problema do HABITAT, que é o tema da nossa dissertação, poderá ser encarado no quadro da estratégia de desenvolvimento guineense?

Está bem claro, através das resoluções do III Congresso, dos discursos e das publicações oficiais do Conselho da Revolução que o primeiro lugar, em termos de prioridades, foi dado ao sector agrícola e à alimentação da população.

Tal política pressupõe a mobilização de meios adequados ao nível desta prioridade. Contudo, isto não significa que outros

sectores, com implicações sociais essenciais sejam abandonadas ou esquecidas. Em qualquer política coerente de desenvolvimento deverá ser observada a lei da proporcionalidade relativa às prioridades a estabelecer nos diferentes sectores. Se é verdade que o HABITAT por vezes seja considerado como sector não directamente produtivo no que pomos as nossas dúvidas, não joga um papel menos fundamental directamente ligado a reprodução da força de trabalho da população e dos indivíduos. Certamente que é difícil de se sentir um cidadão de parte inteira vivendo num casebre. O facto de que o HABITAT e o alojamento sejam frequentemente desprezados na política de desenvolvimento representa em si um problema que exige reflexão.

Será que um tal estado de coisas não corre o risco de comprometer a concretização dos anseios ao progresso, que é a satisfação máxima das necessidades sociais?

Se o facto de colocar a disposição de cada família um alojamento decente é uma condição necessária (ainda que nem sempre suficiente) para o melhoramento, das condições de vida dos produtores, e do

mesmo modo do melhoramento, em qualidade e em quantidade, da produção, então a sua integração na estratégia de desenvolvimento torna-se imperativa.

DEFINIÇÃO DO HABITAT

O HABITAT é aqui definido como um conceito global, o alojamento familiar com os seus prolongamentos que são as infra-estruturas essenciais, abastecimento de

jamento + Infra-estruturas técnicas (água, electricidade, esgotos) + Infra-estruturas sócio-comunitárias (centros de saúde, escolas, mercados, centros sociais e de lazer, etc.).

Tal concepção pode variar dum contexto ou duma região para outra, estando condicionada pela variação das relações de produção e das relações sociais. É claro que, por exemplo, o camponês de Coiada (Re-

ponderada por uma análise das condições sócio-económicas e históricas reais.

O LUGAR DO HABITAT NA ECONOMIA NACIONAL

Podemos, portanto, afirmar a priori que o Habitat desempenha um papel primordial na pesquisa de qualquer política económica e social. E através de uma análise das condições do HABITAT que apare-

sigualdades. Se estamos convencidos que tanto os trabalhadores como os camponeses, que formam a base do desenvolvimento, não reproduzem a sua força de trabalho nem no campo senão num enquadramento habitacional decente, então toda a acção tendente a solução dos problemas do HABITAT e à melhoria das condições de vida neste contexto tornar-se-á um complemento indispensável às prioridades do desenvolvimento económico e social.

Além disso, e em complemento da sua função primária sócio-económica, o HABITAT desempenha um papel extremamente importante como criador de empregos no mercado de trabalho. O facto de o alojamento ser uma necessidade fundamental que vem logo após a alimentação e a água, provoca em todos os casos e em todas as circunstâncias uma forte procura de mão-de-obra a todos os níveis, Sector Público, privado e o chamado sector «informal» ou «marginal» (auto-construção).

Ora a penúria em materiais de construção que actualmente o nosso País conhece, é assim, a causa principal do desemprego forçado, total ou parcial, de centenas até mesmo de milhares de trabalhadores qualificados.



O facto de que o «habitat» e o alojamento sejam frequentemente desprezados na política de desenvolvimento, representam em si, um problema de reflexão

água, energia, saneamento e os equipamentos colectivos sócio-comunitários, respeitantes a saúde, educação, comércio, transportes, lazer, etc.

Por outras palavras:

HABITAT = Alo-

gião de Gabú terá uma concepção do HABITAT e do meio ambiente diferente da de um engenheiro em Bissau ou mesmo dum funcionário em Gabú. Uma definição verdadeira e objectiva do HABITAT deve portanto ser

cem, dum maneira mais marcada e mais visível, as desigualdades sócio-económicas e os seus efeitos. É evidente que uma das preocupações do Governo e do Partido, é pôr em prática as estruturas que permitam reduzir estas de-

RDA na via do socialismo avançado

A República Democrática Alemã completa hoje, dia 7 de Outubro, 32 anos de existência. A R. D.A. desenvolveu-se como um Estado antifascista, democrático e socialista, no qual foi eliminada a exploração do homem pelo homem através da criação das relações de produção socialistas.

A cooperação democrática entre os cinco partidos políticos, sob a direcção do Partido Socialista Unificado da Alemanha (PSUA), contribuiu decisivamente para a estreita aliança entre os operários, trabalhadores rurais e intelectuais e outras camadas da população. Em conjunto, eles exercem o poder popular.

Como parte integrante da comunidade socialis-

ta, a RDA defende consequentemente a paz, o desarmamento e o desarmamento mundial e é um aliado firme na luta contra o colonialismo e o racismo. A RDA encontra-se entre os dez países mais industrializados do mundo.

Sob a direcção do Partido Socialista Unificado da Alemanha, a classe operária e os seus aliados, nestes 32 anos, levaram a cabo transformações revolucionárias de alcance histórico.

O X Congresso da P. S.U.A. aponta uma via clara, marxista-leninista, para o futuro, que será uma época de novas iniciativas e trabalho criador, uma época em que a República Democrática Alemã continuará a fortalecer-se e a prosperar. O Relatório do Comité

Central do Partido ao X Congresso afirmava: «As tarefas que nos colocamos a nós próprios são grandiosas e belas, mas não fáceis». E noutra passagem: «A vida no socialismo deve continuar a melhorar para todos. A nossa segurança social deve manter-se e continuar a crescer para todos. E deve continuar haver paz»...

A RDA coloca-se ao lado dos povos que lutam contra o colonialismo e imperialismo, pela libertação nacional e social. O internacionalismo proletário está profundamente enraizado no pensamento e na acção da classe operária e de todos os trabalhadores da RDA.

«Existem grandes perspectivas para o de-

envolvimento da nossa cooperação» — disse o encarregado dos negócios da RDA em Bissau, Gerd Wenzel. O diplomata alemão falou da cooperação nos domínios da saúde, referindo-se aos médicos alemães em Bissau, do apoio que técnicos deste país socialista dão a Guiné-Bissau na Educação, da brigada Amílcar Cabral da Juventude Livre Alemã-FDJ no Instituto de Formação Profissional de Brá, e dos professores que dão aulas na Escola de formação política do P.A. I.G.C..

Depois da independência da nossa terra, a RDA é um dos países socialistas que mais ajudaram dado ao nosso Partido e o Estado.

Mensagem de Paulo Correia para Raúl Castro

O camarada 1.º Comandante Paulo Correia, membro do CR e Ministro das Forças Armadas, enviou uma mensagem de agradecimento ao seu homólogo da República Socialista de Cuba, pelo telegrama que este lhe endereçara por ocasião da passagem do oitavo aniversário da proclamação da República da Guiné-Bissau.

Na mensagem, Paulo Correia reafirma «o desejo de consolidar as nossas relações com as Forças

Armadas Revolucionárias da República Socialista de Cuba, que datam desde os difíceis anos da nossa Luta de Libertação Nacional».

Com o mesmo teor, o camarada João da Silva, membro do CR e vice-Presidente do Estado Maior General das FARP endereçou um telegrama de agradecimento ao chefe de Estado Maior das Forças Armadas cubanas, o general de Divisão Senen Casas Reguero.

O que "Esta é a Nossa Pátria Amada" não é "ballet"! - diz Carlos Vaz

Carlos Alberto Vaz. Nacionalidade: guineense. Profissão: actor de Teatro. Sinais particulares: afogueado orador. E que diz, peremptório: «O 'ballet' não é teatro e vice-versa! O que o grupo «Esta é a Nossa Pátria Amada» faz não é 'ballet', é teatro»!

Em entrevista concedida ao nosso jornal, «Beto» Vaz, às vezes deixando-se arrastar em apaixonadas explicações, falou do teatro, da sua actualidade em África, do imperialismo cultural no nosso continente e, por fim, do seu futuro.

Carlos Vaz é bem conhecido do público da capital, sobretudo por duas peças que levou à cena no Salão do III Congresso: «Nô odja dja manga di kussa nés mundo» e «Si kussa muri kussa ku m a t a l» e também pelo livro que publicou sobre o teatro africano.

P.: Dispensadas as apresentações, Carlos Vaz, começamos pelo «Ballet» Nacional «Esta é a Nossa Pátria Amada». Que pensas deste grupo, já que chefiado pelo departamento em que ele está inserido: o das Artes da Cena?

R.: Isto é um problema muito delicado de tratar, por causa das susceptibilidades, mas isso obriga, ao mesmo tempo, por parte do público, uma formação artística específica para compreender a mensagem que lhes é dada por um grupo. Ora há um grupo, cá, que diz que faz «ballet» mas que na prática faz é teatro.

para compreender que aquilo não é «ballet» e porque, se aqui existissem verdadeiros críticos de arte, já era tempo de criticar esses indivíduos para mostrar-lhes que não estão a fazer «ballet» mas que fazem, sim, «ballet» em certa medida», e teatro em certa medida.

P.: Seria, portanto, uma questão de estruturação, de organização, de readaptação?

R.: Exacto. Neste grupo há indivíduos com grandes talentos. No seu conjunto penso que têm deficiências. Eu, por exemplo, estou cá há um ano e, há um

dência. Com várias deficiências, como é natural, porque foi o começo. E o «Ballet» Nacional é vítima, também, de um vencimento que não corresponde à actividade que ele exerce. Primeiro, pelo desgaste físico que tem, logo existem vários problemas a nível de saúde, actualmente dentro do grupo. É urgente que o Governo tome uma decisão concreta, e se pretende o artista, aqui, na Guiné-Bissau, tem que lhe dar o seu direito como tal! Toda a gente viu os espectáculos do «Ballet» Nacional e sabe que eles dispendem um esforço «diabólico» para fazer os espectáculos.

P.: E vês a forma de solucionar isso?

R.: Já apresentei ao Ministério de tutela (Informação e Cultura) um programa de acção a curto e a médio prazo, um regulamento especificamente artístico, porque acho que o artista não deve ter o mesmo regulamento que a Função Pública, porque ele efectivamente precisa fazer espectáculos à noite e a Função Pública não trabalha à noite! Nesse documento eu proponho que sejam pagos pelo menos sete mil pesos a cada elemento do «Ballet». Proponho também que as receitas dos espectáculos não entrem para os cofres do Estado mas que fiquem como fundo de maneiio na Direcção-Geral da Cultura, e ao qual os elementos do «Ballet» passem a ter acesso, nomeadamente para manutenção alimentar e mesmo para cobrir as despesas a nível da saúde.

P.: E o vedetismo?

R.: Isso é um problema genérico na Guiné-Bissau. Não é só o artista do «Ballet» Nacional! Tivemos uma colonização física e cultural. Então, os nossos artistas também sofreram uma colonização, estão colonizados mentalmente. Por exemplo, as mulheres, de uma maneira geral, são artistas porque se querem mostrar no palco, não têm consciência de que são artistas.

Porque a guerra dos conjuntos musicais que há é um reflexo de vedetismo: qual vai ser o melhor conjunto nacio-



«Pátria Amada» — Grupo Teatral ou «Ballet»?

Porque o «ballet» é, nem mais nem menos, um conjunto de gestos, ritmados e cadenciados, através de uma tonalidade musical... Sei lá, o «ballet» não é ir buscar o Kessundé e transportá-lo para o palco como Kessundé, porque aí ele continua com o cunho tradicional. O «ballet» é efectivamente aquilo que Keita Fodebá fez na Guiné-Conakry: é ir buscar a dança tradicional, trabalhá-la e modernizá-la de acordo com a nossa realidade social actual.

P.: Forçosamente uma modernização?

R.: Sim. A modernização não quer dizer alienação. Quer dizer evolução! Há ali uma capacidade artística que está em causa e há uma mensagem artística que está em causa, porque definimos o teatro como um belo texto onde existe a Palavra e o «ballet» não tem palavra. No «ballet» explica-se tudo sem palavra, é o gesto que conta, só o gesto!

Mas também o problema é do público, porque, se te ofereço uma moto e digo-te que é um carro e se tu nunca viste um carro à tua frente convences-te que é, efectivamente, um carro! E eu depois venho e digo-te: meu amigo isso não é um carro, é uma moto. Claro que irás replicar que sempre te disseram que era um carro. Como vinha eu, agora, chamar àquilo de moto?

Isto é perfeitamente normal! E é o que se passa actualmente na Guiné-Bissau em relação ao nosso «Ballet» que, do ponto de vista da pedagogia, está a dar uma informação errada ao público. Este, por sua vez, não tem uma formação sólida a nível artístico

ano, dedico-me ao «ballet» e posso garantir que houve uma evolução bastante grande com o «ballet» desde que o Fernando de Pina — convém dizer mesmo isso — trabalha com o grupo.

P.: E ao nível da pesquisa?

R.: De facto, não são grandes investigadores. Há coisas que eles fazem em cena com as quais eu não estou de acordo, que acho ser uma deturpação da nossa realidade. Não sou perito da nossa cultura, mas conheço-a minimamente. Por exemplo, aquela cena da Rainha (Okinka Pampa) em que entra um coro, há aí um bijagó com quem nós tivemos uma pequena discussão uma vez em que ele inclusivé disse: «isto não é assim!»

Mas isto é um problema de infra-estruturas. Eles não são responsáveis por isso, porque um grupo como aquele precisa de meios para fazer investigações. [...] Se não há meios para fazer investigações, estas não poderão ser feitas. Porque tens de ir às tabancas, viver ali todos os dias com a população, e isso exige meios. Como tu sabes, o nosso País ainda não tem esses meios. Podemos, no entanto, considerar como uma tentativa bastante boa aquilo que eles vêm fazendo.

P.: E sobre as condições de trabalho do «Ballet» Nacional?

R.: Acho que o «Ballet» Nacional é vítima de uma má infra-estrutura orgânica e cultural deste País. A cultura nunca foi organizada senão depois da Independência.

Uma das razões que motivou o 14 de Novembro foi o desvio ideológico e a não observância por parte de alguns dirigentes dos princípios do PAIGC, que o nosso saudoso líder Amílcar Cabral nos legou. Hoje falamos sobre «Fundamentos Político-Ideológicos do Partido», tema tratado na segunda Tese.

Após os acontecimentos do 14 de Novembro de 1980, podemos dizer que algumas transformações políticas foram imprimidas no seio do PAIGC, procurando-se assim, a par e passo, levar o Partido à observância dos seus princípios, que tinham sido deturpados.

Neste momento, cada militante deverá fazer um exame sério, recor-

dando o passado para perspectivar o futuro. É preciso reflectir maduramente sobre os erros e fraquezas que levaram o Partido a uma grave crise.

O PAIGC define-se como «a organização sócio-política do nosso povo na Guiné» diz-se no texto. Por isso, congrega nas suas fileiras a parte mais avançada e mais consciente das massas populares para a realização das suas aspirações.

Na nossa sociedade e na fase actual, nenhuma das classes sociais pode assumir por si só o papel de vanguarda revolucionária. Se analisarmos as estruturas da sociedade guineense facilmente concluímos que nem grandes massas camponesas, que constituem a principal

Pátria Amada" faz

responsável das Artes da Cena

al? Aliás, a própria orientação artística deste País foi conduzida nesse sentido: fez-se aí um festival para ver qual era o melhor conjunto ao nível nacional. Isso é a melhor coisa que pode existir num País como este, que se intitula democrático, onde quatro ou cinco indivíduos não levantar o dedo e dizer «eu dou cinco», «eu dou

R.: Para mim a arte nunca dá soluções, para mim a arte não é o que muitas vezes se ouve dizer «o espelho da sociedade». Não é nada disso porque senão teríamos que considerar que todo o artista é um grande sábio, um profeta da sociedade que dá soluções para essa sociedade.

Um esforço grande

O «Ballet» Nacional «Esta é a nossa Pátria Amada» foi fundado em Agosto de 1976, ligado ao Departamento das Artes da Cena do então Conselho Nacional de Cultura actualmente na dependência do Ministério da Informação e Cultura.

O seu objectivo, em termos genéricos, é a pesquisa, o enquadramento e a di-

vulgação da cultura nacional. Necessidade fundamental depois de longos séculos em que os nossos costumes e tradições foram espezinhados e atirados para o esquecimento.

Portanto, um programa que, à partida, pelos objectivos que comporta, teria que ser ambicioso (bem mais justificado que muitos outros depar-

tamentos estatais e projectos).

Mas como todo o País, o «Ballet» Nacional sofre da falta de condições (material, vencimentos), e da inexistência de quadros preparados.

Enfim, uma situação conducente à estagnação técnica daquele grupo: entram e saem elementos, não há um corpo fixo de artistas, existe um único elemento com

formação no domínio do «ballet».

Apesar destas contrariedades e em prol das metas que pretende atingir, o «Ballet» Nacional tem estado à altura das missões que lhe são entregues: por causa do alto grau de disciplina e de consciência profissional dos seus elementos.

Um esforço que merece ser compensado.

O artista, para mim, analisa um determinado acontecimento e lança-o para o público e é o próprio público que, após obter estes dados, faz uma opção concreta, sendo esta a que nos interessa a nós, artistas.

P.: Portanto, não as soluções, mas às vias... e que vias são essas?

R.: Pensamos que actualmente a África pode encontrar a solução dos seus problemas através de uma reconciliação concreta, a nível nacional e internacional.

dez»! Isto só se faz nos países imperialistas, só se faz em Hollywood!!!

Se há que eleger a melhor orquestra, o melhor artista, têm que ser os próprios artistas a fazer isso.

«O ARTISTA NUNCA DÁ SOLUÇÕES»

P.: E o imperialismo cultural em África, como pensas, na qualidade de artista, que pode e deve ser combatido?

cerca das teses

força de trabalho, nem os assalariados e operários urbanos, nem a pequena burguesia nacional, podem assumir o papel de motor da sociedade. Sabemos que a nossa luta de libertação foi dirigida pela pequena burguesia nacional revolucionária, em aliança com outras camadas sociais, mas com a independência alguns dirigentes deixaram-se levar pelas suas tendências naturais, caindo no efectivo aburguesamento, e recusaram-se a «suicidar-se» e renascer como trabalhadores revolucionários, conforme apontava o camarada Cabral.

O PAIGC, como Movimento de Libertação do poder, e na fase actual, tem necessariamente de mobilizar todos os recursos nacionais existentes e todas

as camadas sociais, para enfrentar os imperativos da Reconstrução Nacional.

Talvez esta Tese vá deixar muita gente desapontada, aqueles que acham que o PAIGC tem que definir-se. Nós não acreditamos que possa subsistir um movimento ou partido que não tenha ideologia. E no nosso caso concreto, era impossível fazermos uma luta tão importante sem ideologia. Pensamos que a ideologia não é uma religião.

Achamos que devemos aproveitar a experiência de outros povos para melhorarmos a nossa situação, mas não, necessariamente, para a aplicar cegamente, só porque ela assenta uma boa ideologia. Não queremos que o nosso povo seja mais explorado.

Nós queremos a justiça social e o poder nas mãos do povo. Esta é a nossa base ideológica. O camarada Amílcar Cabral dizia: «Ter ideologia é saber o que se quer em determinadas condições próprias».

É neste contexto que o nosso Partido se dotou dos seguintes princípios: UNIDADE E LUTA, DEMOCRACIA REVOLUCIONÁRIA E CENTRALISMO DEMOCRÁTICO, DIRECÇÃO COLECTIVA, CRÍTICA E AUTOCRÍTICA.

Unidade e Luta. Unidade para lutarmos contra o subdesenvolvimento e demais taras do colonialismo, e luta para realizarmos a nossa unidade nacional, para construirmos a nossa terra como deve ser. Democracia revolu-

cionária, exigindo que o Partido crie um quadro dinâmico necessário para que os melhores militantes estejam à testa do Partido e do nosso povo.

Centralismo Democrático significa que, na tomada das decisões, as massas populares devem ter um papel preponderante.

Direcção Colectiva, quer dizer que a todos os níveis de direcção da célula à base, as decisões são sempre tomadas colectivamente.

Crítica e Autocrítica, eis um princípio de grande importância e que deve ser aplicado em todos os escalões do Partido, pois permite a detecção dos erros e desvios das linhas programáticas do Partido.

Autocarros para Tite e Bolama de Baixo

A Região de Bolama-Bijagós poderá vir a beneficiar de 2 autocarros que farão a ligação Bolama-Bolama-de-Baixo e S. João-Tite, soube o «Nô Pintcha» de fontes oficiais naquela cidade. A questão, debatida na recente reunião de delegados regionais, será submetida à apreciação do Ministério dos Transportes e Turismo e à empresa rodoviária «Silô Diata» que deverão pronunciar-se sobre a sua viabilidade.

Os problemas de transportes e telecomunicações, este último já referido em anterior artigo, mereceram especial atenção dos responsáveis regionais, uma vez que são considerados fundamentais para o desenvolvimento da região e para arrancar o arquipélago do quase total isolamento. De salientar, no entanto, os esforços que têm vindo a ser dispendidos pela direcção da Guinamar no sentido de beneficiar aquela região, com a programação de duas carreiras semanais para Bolama (que serve ao mesmo tempo o Sul, nomeadamente Tite, Catió, Empada, Cacine) e uma para Bubaque.

A realização de mais carreiras dos barcos da Guinamar deve-se à aquisição de mais unidades, o «Hermancon» e o «Unal». Embora mais indicadas para transporte de cargas, são utilizadas também para o transporte de passageiros, permitindo resolver deste modo as dificuldades de transporte para aquela região. As limitações da empresa de transportes marítimos, que conta neste momento com praticamente três embarcações, sem contar com uma vedeta, leva a programar carreiras conjuntas para Bolama e Sul do país que, muito embora beneficiem a população do Sul, sujeita-a a privações que em condições normais, seriam desnecessárias. Caso concreto de Catió, cujos passageiros passam nada menos que dois dias no mar, porque o barco sai dali na quarta ou quinta-feira, faz escala em Bolama onde só sai sexta-feira para Bissau. Os passageiros que não tenham famílias ou pessoas conhecidas em Bolama — geralmente não têm — dormem no barco todo esse tempo.

CARREIRAS SERÃO POSSÍVEIS?

No respeitante às carreiras da «Silô Diata»,

elas deverão fazer a ligação entre S. João (ilha situada frente a Bolama) e Tite (Região de Quínara), passando por Nova Sintra, numa distância de cerca de 30 quilómetros. Por outro lado, uma outra carreira beneficiaria a população de Bolama-de-Baixo e Gã Muriá, reduzindo os cerca de 25 quilómetros em apenas alguns minutos, ao mesmo tempo que facilitaria a ligação com a sede da região.

Embora declarando-se não estranhos às limitações da «Silô Diata» em matéria de transportes, situação essa resultante da avaria da grande maioria de viaturas que constituem o seu parque automóvel, os responsáveis regionais tentarão junto da direcção da empresa assegurar as carreiras para as duas localidades acima citadas. Para isso, conforme fomos informados, as autoridades de Bolama contam com a remessa de viaturas que deverão chegar ao país ainda este ano.

De acordo com as autoridades bolamenses, com a criação da carreira S. João-Tite, a população poderá deslocar-se mais facilmente para Bissau, bastando para isso fazer a travessia para S. João (a travessia é assegurada por canoa a remo, ao preço de 20 pesos por passageiro) e, já em Enxudé (porto próximo de Tite) apanhar a jangada para Bissau, numa travessia de menos de meia hora. Seguindo conseguimos apurar na localidade, muitas vezes quando os meios de transportes escasseiam, a população faz o percurso S. João-Tite a pé onde apanham a jangada para a capital. No entanto, foram também ventiladas durante a reunião hipóteses de se conseguir uma jangada para o trajecto Bolama-S. João, o que facilitaria ainda mais a ligação com a região.

Recorde-se que as deslocações para Bolama-de-Baixo e Gã Muriá são asseguradas neste momento apenas pela viatura «Land Rover» do Comité de Estado, uma vez que tanto as viaturas do hospital como da Saúde Pública ou ainda o tractor, que serve de meio de transporte ao pessoal do Desenvolvimento Rural se encontram avariadas.

Futebol em saudação ao Congresso

Benfica-Sporting nas meias finais

O Benfica qualificou-se para as meias finais do torneio de futebol organizado em saudação ao Congresso Extraordinário do PAIGC, ao derrotar a União por duas bolas a uma, no segundo encontro (jogo de desempate) a contar para a eliminatória. Nas meias finais os campeões terão como adversário os rivais de sempre: o Sporting de Bissau, que atingiu esta fase ao derrotar a equipa militar — Estrela Negra de Bissau — por uma bola a zero.

Entretanto, o Desportivo de Gabú aguarda o vencedor das meias finais ao beneficiar de uma vitória frente à formação de Cantchungo, por 3-2 e, pelo facto de participarem apenas duas equipas do interior no torneio, uma

delas deveria esperar a final. O que sucede com o Gabú. As datas das meias finais e final serão marcadas oportunamente.

Segundo fontes ligadas à Federação Nacional de Futebol, durante os três jogos realizados neste torneio, que tem por objectivo angariação de fundo para o Congresso, houve uma receita total de 121 039,50 pesos. O jogo que mais rendeu, até ao momento, foi o que opôs a formação da UDIB a do Benfica, com a quantia de 47 550,00 pesos. Porém, com a deslocação e alojamento das equipas (Gabú e Cantchungo) e a alimentação dos atletas participantes houve um gasto total de cerca de 30 mil pesos.

NOVA DIRECÇÃO NO ESTRELA DE BOLAMA

Foram empossados os novos corpos gerentes do Estrela Negra de Bolama. A cerimónia — segundo a ANG — foi presidida pelo camarada Orlando Nhaga, do CSL do Partido e Presidente do Comité de Estado da Região de Bolama-Bijagós.

A Assembleia Geral é presidida por Augusto José Gomes, sendo Presidente da direcção João Frederico e na presidência do Conselho fiscal foi colocado Zacarias Gomes Buché.

TOTOBOLA

Os serviços de totobola registaram, no escrutínio do concurso

número sete, um concorrente com 12 resultados certos e 14 apostadores com 11 resultados. O montante para cada prémio estava calculado em 36 141,00 pesos, cabendo ao apostador com 12 a mesma quantia, enquanto que cada concorrente com 11 resultados certos receberá a quantia de 2 581,00 pesos.

A CHAVE:

Feirense-G. Vicente . . . x
Salgeiros-P. Ferreira 2
Bragança-Leixões . . . 1
Chaves-Varzim 2
Neves-Sanjoanense . . 2
R. Maior-Alcobaça . . x
Oliveirense-Águeda . 2
Covilhã-Portaleg. . . . 1
U. Coimbra-Acad. . . . x
é. Lagos-Amadora . . x
V. da Gama-Marítimo x
Montijo-Barreirense 1
Juventude-Lusitânia 1

Jogos Olímpicos de 88 na Coreia do Sul

A capital da Coreia do Sul, Seul, foi designada pelo Comité Olímpico Internacional para organizar os Jogos Olímpicos de 1988, enquanto a cidade canadiana de Calgary tem a honra de albergar os jogos de inverno de 1988.

Entretanto, Seul obteve 52 votos contra 27 da concorrente japonesa, a cidade de Nagoya. O resultado do escrutínio foi anunciado pelo Presidente do Comité Olímpico Internacional, senhor Juan Samaranch.

BOCA JÚNIORES EM ABIDJAN

Um torneio de futebol organizado do Stade de Abidjan, da Costa do Marfim, terá a participação de Boca Júniores, campeão da Argentina. Ontem jogaram ASEC-Stella e, hoje estarão em confronto o Stade de Abidjan e o Boca Júniores.

A equipa argentina apresenta-se em Abidjan na sua máxima força, com as suas duas célebres vedetas: Diego Maradona e Brindisi.

Campeonato defeso

A formação dos Pulgas destronou o Djorçon ao sagrar-se, pela primeira vez, campeão do defeso de Bandim-2. A taça será entregue ao novo campeão, no próximo Domingo, após a realização de um jogo no estádio CACOMA.

Os Pulgas conseguiram esta proeza ao derrotar o UDAK por uma bola a zero. Por outro lado, o encontro entre as formações de Djagras e Pamparida não atingiu os 90 minutos devido a vários incidentes.

Torneio de Ténis

A tenista Jany venceu o torneio XXV aniversário do PAIGC na categoria feminina ao derrotar, na final, Eneida Voss por dois zero com as parciais 6/4 e 6/4. Assim, a juventude de Eneida não foi capaz de enfrentar a experiência de Jany.

Entretanto, Fidélis foi derrotado nas meias finais por Bartolomeu também por dois zero com as seguintes parciais 6/3 e 6/0. De assinalar que Fidélis havia beneficiado, nos quartos de final, da falta de comparência de Francisco Lúcio.

O outro finalista na categoria de iniciados masculino (singulares) seria apurado, ontem à tarde, na final da partida entre António Soares e Carlos Nicolay. Não apresentamos o resultado do jogo porque, enquanto procedíamos ao fecho da edição, decorria o primeiro «set».

Taça da UFOA: Police, 3 - Stella, 1

O AS Police de Dakar, detentor do troféu «Gnassingbé Eyadema», derrotou no domingo no estádio Demba Diop o Stella Club de Abidjan por 3-1, na primeira mão da final da quinta edição da Taça da UFOA.

Ao intervalo, a equipa de Mady Kouyaté (Koya) já vencia por 1-0, golo marcado pelo avançado Tassirou Dialló aos 25 minutos. No entanto, neste período, o domínio do encontro pertenceu ao Stella, que criou as mais nítidas ocasiões de golo, tendo mesmo visto um seu tento anulado pelo árbitro gambiano, por indicação do seu fiscal de linha.

Seis minutos depois do reatamento da partida, Tassirou Dialló aumentou a vantagem do Police, ao recargar oportunamente uma bola largada pelo guarda-rodas Seydou Konaté, após um livre violentamente apontado pelo médio Amssata Ndiaye. Com uma vantagem de duas bolas e apoiados pelos seus adeptos, os Polícias fariam circular ainda mais o esférico, elevando o ritmo do jogo. Aos 57 minutos, o centrocampista Pape Sagna deu o terceiro golo ao AS Police.

A partir deste golo, os marfinenses deram

então tudo por tudo, no intuito de reduzir a diferença, o que conseguiram aos 77 minutos, por intermédio de Maxime Onehou, que fez um chapéu ao guarda-rodas senegalês Djibril Diagne, substituto do titular Mansour Wade, que foi operado ao menisco.

a realizar em Abidjan, a 18 de Outubro.

Recorde-se que é a terceira vez que o AS Police disputa uma final da taça da UFOA, que já ganhou duas vezes. Também o ASFA (do Senegal) venceu uma edição do mesmo troféu.



A formação do AS Police: pela terceira vez numa final da taça da UFOA

Apesar de terem efectuado um excelente fim de partida, os homens do Stella não conseguiram marcar um segundo golo, que poderia pesar bastante na balança, no decurso da segunda mão da final,

TAÇA DAS NAÇÕES: SYLI ELIMINADO

Ao empatar no domingo em Addis-Abeba 1-1, com a selecção da Etiópia, a equipa nacional da Guiné-Conakry, o Syli, viu-se afastada da fase final da 13.ª Taça das nações africa-

nas de futebol, a ter lugar de 5 a 19 de Março de 1982 na Líbia.

Na primeira mão, disputada em Agosto em Conakry, os etíopes conseguiram um empate a duas bolas, beneficiando assim da vantagem dos golos marcados em campo adversário.

Argélia, Ghana, Etiópia e Camarões.

A fase final será disputada em dois grupos. No grupo A, cujos encontros se realizam em Trípoli, estão a Líbia, Ghana, Camarões e Egipto. O grupo B (em Bengazi) é composto pela Nigéria, Argélia, Zâmbia e Etiópia.

MUNDIAL DE JÚNIORES: CAMARÕES EMPATA

A selecção nacional de júnior dos Camarões empatou 3-3 com a sua homóloga da Austrália, na segunda jornada do terceiro campeonato mundial de júniores de futebol, que decorre na Austrália. Ao intervalo, os camaroneses, que juntamente com o Egipto representam a África, ganhavam por duas bolas a uma.

Dando provas de uma excelente técnica, os jovens camaroneses falharam no entanto no capítulo da condição física, deixando-se igualar no marcador, após terem estado a vencer os australianos por 3-1. No sábado, a Austrália venceu a Argentina (campeão do mundo júnior) por 2-1, enquanto a Inglaterra levou a melhor sobre os Camarões por 2-0.

Execução na Gâmbia

Pela primeira vez desde a independência do país em 1965, um condenado a morte, chamado Mustapha Dansó, foi fuzilado na passada quarta-feira de manhã em Banjul, indicou um comunicado oficial gambiano.

O tribunal criminal da Gâmbia culpou Dansó, à 17 de Dezembro último, da morte do comandante Eku Jacob Mahoney, membro dos «Field Foreep», única força armada gambiana. Dez pessoas já tinham sido condenadas a morte na Gâmbia, mas as penas nunca chegaram a ser executadas.

Os observadores recordam que o assassinato do comandante Mahoney, a 27 de Outubro de 1980, marcara, juntamente com outros incidentes, o início do primeiro período de crise na Gâmbia, que provocou a intervenção militar senegalesa no país, nove meses antes da operação armada senegalesa que pôs termo ao golpe de estado de Kukoi Samba Sanyang.

A operação de re-instalação do presidente Dawda Jawara no poder em Banjul teve o nome de código de «Fodé Kaba II».

Agricultura na Tanzânia

Todas as aldeias comunitárias da Tanzânia — as «Ujamaa» — deverão criar quintas, que serão consideradas «quintas nacionais», cujas colheitas venderão ao governo.

Esta decisão, anunciou o secretário-executivo do partido no poder, Daudi Mwakawago, foi tomada durante a reunião do Conselho Execu-

tivo do partido no mês passado.

Mwakawago precisou que este programa se realizará paralelamente às culturas individuais tradicionalmente efectuadas pelos agricultores. Os observadores consideram que a produção das «quintas nacionais» servirão de complemento às granjas do Estado.

África do Sul e Israel condenados na Assembleia Geral da ONU

O Presidente Seiny Kountché do Níger condenou vigorosamente «a arrogância e o terrorismo de Israel» e a política «colonialista e racista da África do Sul», quando discursava na segunda-feira perante a Assembleia Geral da ONU em Nova-Yorque.

«A incrível obstinação, o desafio permanente e as táticas dilatatórias» do regime de Pretória foram denunciadas pelo chefe de Estado nigerino. Seiny Kountché declarou que a independência da Namíbia deve ser rapidamente proclamada, sublinhando no entanto que, feito isso, «o problema da África do Sul não ficará logo resolvido».

Para o presidente nigerino, a África do Sul encarna «a terra do racismo, intolerância e humilhação». Qualificando o apartheid de uma prática desumana, Kountché lançou apelo aos partidários ocidentais de Pretória: «Toda a busca de uma paz global, afirmou, começa pelo desaparecimento do apartheid».

Abordando a situação no Médio-Oriente, o presidente Seiny Kountché reafirmou «o direito do povo palestino a uma pátria». Apelou o Estado sionista de Israel a «colaborar com a comunidade internacional na busca de uma solução durável para este problema político e humano» que é a questão palestina.

Os problemas económicos, nomeadamente a instauração de uma nova ordem mais justa neste domínio, foram igualmente focados pelo coronel Kountché na sua intervenção em Nova-Yorque. Convidou os países industrializados a libertarem-se de todo o «espírito de clube» e a consentir maiores reformas do sistema económico internacional.

O Presidente do Conselho Militar Supremo do Níger evocou as «grandes vias desta evolução salutar» do diálogo Norte-Sul, que deveria passar pelo «restabelecimento do equilíbrio das trocas comerciais, a estabilização dos preços e dos custos das matérias primas de que a maior parte dos países em vias de desenvolvimento são bastante tributários».

«O Norte, acrescentou Seiny Kountché, deve aceitar a ideia de que sendo a industrialização uma etapa inevitável do desenvolvimento, os nossos países precisarão de mercados assim como de investimentos». Indicou finalmente que os países industrializados devem, simultaneamente, «pôr em marcha um vasto programa de transferência de recursos a favor do Sul, a fim de aumentar os investimentos, acelerar a produção e a formação, e transferir tecnologia».

ANGOLA: POSIÇÃO DE PORTUGAL

O governo português é favorável a uma retirada das tropas internacionalistas cubanas em Angola, só depois de terem sido criadas condições suficientes de segurança neste país. Esta posição foi defendida por André Gonçalves Pereira, ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, que tomou parte nos trabalhos da actual Assembleia Geral das Nações Unidas.

O chefe da diplomacia portuguesa afirmou que o seu país veria com «bons olhos» a retirada dos soldados cubanos de Angola. «Mas, acrescentou, Angola precisará de ajuda cubana enquanto for ameaçada pela África do Sul».

Libéria: Mineiros em greve

Duzentos e quarenta operários da mais importante sociedade de extracção de mineral de ferro da Libéria, a «Lamaco» (Liberian American Company), foram despedidos por ordens do chefe de Estado liberiano, sargen-

to-chefe Samuel Doe, por estarem em greve, anunciou antontem o jornal governamental «Daily News».

O sector mineiro, que é uma das principais fontes de rendimento do Estado liberiano, tem conhecido ultimamente uma fase de crise, devido ao abaixamento do custo de ferro no mercado mundial. A Libéria é o primeiro produtor africano deste mineral e 11.º mundial.

A greve que, segundo o jornal, era seguida por 600 trabalhadores, começou na passada terça-feira. Os operários queixam-se de não ter recebido os seus salários há um ano. Os operários despedidos foram os que não retomaram o trabalho na terça-feira,

como exigia o governo.

O direito de greve é proibido na Libéria por um decreto do governo militar.

Por seu lado, o jornal «Daily Observer» de Monróvia, informou que a Libéria protestou vigorosamente junto do governo dos Estados Unidos, pela «humilhante revista pública» a que foi submetido o seu vice-presidente, o general Nicolas Podier, no aeroporto Kennedy de Nova-Yorque.

O vice-presidente liberiano regressou na semana passada a Monróvia, depois de ter participado, em Nova-Yorque, numa reunião da sociedade mista de extracção de ferro «Lamaco».

Crise no Sudão

KARTUM — O presidente Nimeiry do Sudão dissolveu a Assembleia Nacional Popular e a assembleia regional da região sul, e decretou a realização de novas eleições num prazo de 60 dias na parte norte do país, e num espaço de seis meses no Sudão meridional.

A região sul do Sudão, conhecida pelas suas tendências seccionistas, viu seis dos seus comissários provinciais serem destituídos, tendo sido nomeados em sua substituição comandantes militares.

Irão: Novo Presidente mantém a mesma política

O novo presidente da República do Irão, hodjatoleslam Ali Kamenei, eleito na sexta-feira com mais de 95 por cento dos votos, anunciou que prosseguirá a mesma política que o seu predecessor, mantendo nomeadamente o mesmo governo e o Primeiro-Ministro.

No sábado de manhã, Kamenei declarou que reconduziria o gabinete do hodjatoleslam Mahdavi Kani, cujas três tarefas prioritárias são a guerra com o Iraque, o restabelecimento da segurança interna pela

liquidação dos «Moudjahidine» (militantes da esquerda islâmica) e melhoramento da situação económica.

O papel do presidente iraniano, nos termos da Constituição, é essencialmente representativo, embora seja reconhecido como a mais alta autoridade oficial, depois do «guia», o ayatola Komeiny. No entanto, os observadores prevêm uma maior participação de Kamenei na elaboração da política nacional, devido a uma maior homogeneidade registada no poder iraniano des-

de o afastamento do antigo presidente Bani-Sadr.

A imprensa iraniana apresentou a eleição presidencial como um êxito considerável. O jornal «República Islâmica», órgão oficial do Partido da República Islâmica (de que Kamenei é secretário-geral) escreveu que «o povo, ao participar aos milhões nas eleições, respeitou o sangue dos seus mártires».

Para o ayatola Komeiny, estas eleições «provaram ao mundo que o Irão permanecerá estável».

CONAKRY — PRAIA

DAKAR — Uma delegação governamental de Cabo Verde, conduzida por Herculano Vieira, ministro caboverdiano dos Transportes e Comunicações, efectuou uma estadia em Conakry, onde foi recebida por Ahmed Sekou Touré, presidente da República da Guiné, anunciou na última sexta-feira a rádio Conakry, captada em Dakar.

REFERENDO

LAS PALMAS — O vice-presidente da Guiné-Equatorial, Florencio Maye Ela, declarou numa conferência de imprensa em Las Palmas que o chefe de Estado guineense, coronel Teodoro Obiang Nguema, tencionava organizar uma consulta popular «para ver se é possível democratizar o país».

REGRESSO DE GOWON

LAGOS — O antigo presidente da Nigéria, general Yakubu Gowon, exilado na Grã-Bretanha desde Julho de 1975, após o seu afastamento do poder por um golpe militar chefiado por Murtala Mohamed, foi autorizado a regressar ao país pelo presidente Shehu Shagari. Esta medida, que beneficia igualmente os participantes na intontona de 13 de Fevereiro de 1976 (que custou a vida a Murtala Mohamed), coincidiu com os festejos do 21.º aniversário da independência da Nigéria.

LUTA DA IRLANDA

BELFAST — Os nacionalistas irlandeses que reivindicam o estatuto de presos políticos pararam a sua greve de fome na prisão de Maze, indicando que o movimento foi suspenso por «razões táticas». No seu comunicado, os militantes republicanos irlandeses mantêm as suas cinco reivindicações: direito de usar os seus próprios vestuários, não trabalhar, reunir-se livremente, receber mais correspondências e visitas, e beneficiar de suspensão de pena.

Agricultura de subsistência ou para exportação?

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), os países em desenvolvimento devem fazer uma escolha muito difícil entre as culturas para a exportação e as culturas alimentares destinadas ao consumo interno.

Num documento especialmente elaborado por ocasião do Dia Mundial da Alimentação (marcado para 16 de Outubro próximo, e sobre o qual temos vindo a dedicar artigos relacionados com o tema), a FAO sublinha que as exportações de produtos do mar agrícolas, e florestais fornecem à numerosos países em desenvolvimento uma grande parte das suas receitas em divisas. Mas essas exportações podem, por outro lado, acarretar uma dependência perigosa face às importações de produtos alimentares — particularmente para os países que praticam a monocultura virada para a exportação.

A cultura em grande escala de produtos destinados à exportação conduz o sistema para uma diminuição das terras consagradas às culturas de viveres para o mercado interno. Logo que a produção (e portanto, a disponibilidade) de alimentos locais diminui, o preço pelos consumidores aumenta inevitavelmente. A penúria de alimentos locais e a importação de produtos alimentares de outros países aceleram a inflação. Por exemplo, o volume dos cereais importados pelos países de défice cerealífero aumentou de 14 por cento em 1967/69 a 1976/78, enquanto que no decorrer do mesmo período, o preço dos cereais quase duplicou, e o custo do frete quadruplicou.

O director-geral da FAO, Edouardo Saouma, insistiu neste facto, no decorrer de uma conferência de imprensa efectuada no mês de

Junho passado, em Tokyo. Na altura declarava: «Estou extremamente preocupado com o fardo crescente que as importações de produtos alimentares constituem para o balanço de pagamentos dos países em desenvolvimento».

O custo das suas importações em cereais aumenta em 20 por cento por ano. Em 1980, foi avaliada em nove bilhões de dólares, sem contar com os países de fraco rendimento. As importações de produtos alimentares absorvem um terço das receitas que os países em desenvolvimento tiram das suas exportações de produtos agrícolas e representam, em valor, cerca de dois terços da ajuda pública ao desenvolvimento para este ano».

O documento da FAO deu a conhecer também que as exportações pesam muito nos problemas dos países em

desenvolvimento. As restrições à importação de produtos agrícolas impostas pelos países desenvolvidos limitam automaticamente as receitas de exportação dos países menos avançados.

Essas restrições compreendem medidas proteccionistas adoptadas pelos países industrializados, a saber concorrência de produtos sintéticos, fraco acesso aos mercados dos países industrializados de economia planificada, e regulamentos sanitários e outros entraves inúteis ao comércio de produtos animais. A parte dos países em desenvolvimento nas receitas mundiais extraídas das exportações de produtos agrícolas diminuiu com o desenvolvimento. As suas receitas são igualmente instáveis.

Esforça-se, no entanto, em adoptar e pôr em execução acordos internacionais entre países importadores e exportadores para certos produtos, mas os progressos nesse domínio têm sido lentos.

Apenas algumas convenções foram adoptadas e raras foram aquelas que se mantiveram em vigor durante muito tempo. Por outro lado, as disposições económicas de certas convenções ficaram sem efeito.

MONOCULTURA E AUTO-SUFICIÊNCIA ALIMENTAR

A monocultura era considerada uma situação normal nos países subdesenvolvidos e coloniais onde interessava, apenas, a obtenção de lucro máximo para a metrópole. A monocultura não é vantajosa pois coloca o país dependente das flutuações de preço do produto no mercado mundial e torna-o politicamente vulnerável.

Há quem tente lutar contra a fome pensando numa relação mais justa de preços para as exportações do Terceiro Mundo. No entanto — sublinha o «guia do terceiro mundo» — as vantagens comerciais que possam advir da exportação destes produtos agrícolas são fictícias pois não vão beneficiar aqueles cujo trabalho as produziu. O benefício vai para as classes privilegiadas que aproveitam as divisas para importar artigos de luxo.

A agricultura de exportação deteriora também a situação da população rural. Quando o preço de um produto sobe, os rendeiros e os agricultores de subsistência correm o risco de perder as suas terras, à medida que os grandes agrários ampliam as suas propriedades para aproveitar a situação de alta de preços do produto. Por outro lado, o aumen-

to de preço mundial de qualquer produto provoca um processo inflacionário que se traduz numa redução do poder de compra e diminuição do salário real dos trabalhadores.

Finalmente, as operações agrícolas viradas para exportação importam, invariavelmente, tecnologia intensiva em capital, nomeadamente fertilizantes químicos e pesticidas. Basear um sistema agrícola em tecnologias importadas, contribui para garantir que a produção será exportada para se poder pagar as facturas das importações — um círculo vicioso de dependência.

É importante acentuar que a agricultura de exportação não é o inimigo. É apenas o reflexo de um problema em si. As necessidades alimentares básicas deverão ser satisfeitas localmente e a auto-suficiência alimentar básica é condição fundamental para a segurança de um povo do seu verdadeiro desenvolvimento social e produtivo.

Nenhum país pode esperar «ganhar» com o comércio internacional enquanto a sua sobrevivência depender da venda de um ou dois produtos. Um país não pode negociar preços justos para as suas exportações quando se encontra desesperado para obter divisas para comprar alimentos.

Assassinato de Sadate



O presidente Anouar El Sadate, Chefe de Estado egípcio desde 1970 foi morto ontem à tarde num atentado perpetrado por seis militares. Na altura o dirigente egípcio assistia nos arredores de Cairo, ao tradicional desfile militar, que marca o aniversário da guerra de Outubro de 1973.

São apontados como autores do atentado, um comandante, um sub-tenente e quatro soldados que lançaram uma bomba contra o presidente. Presume-se que estes militares tenham sido perseguidos e mais tarde detidos.

Um comunicado tornado público várias horas após informou que Sadate ainda recebeu assistência num hospital mas não resistiu aos ferimentos.

Segundo a France Press o director do Bureau do Chefe do Executivo da OLP, afirmou que o assassinato de Anouar El Sadate era previsível e esperado.

Por outro lado, vários senadores americanos sublinham que o desaparecimento de Sadate terá consequências importantes no projecto já há muito contestado da venda de cinco aviões radares dos Estados Unidos à Arábia Saudita.

Cinco grandes etapas marcaram a vida de Anouar El Sadate, a sua ascensão à presidência da república, 15 de Outubro de 1970. Assim, em Outubro de 1973, é desencadeada a guerra de Outubro que durou seis dias; em Setembro de 1978 Sadate é acusado de traição ao povo árabe por ter assinado os acordos de «Cam David»; ainda no mesmo ano recebe o prémio Nobel da Paz juntamente com Begin; em Março de 1979 assina o tratado de paz Israelo-Egípcio, a partir desta data, numerosos países nomeadamente árabes romperam relações diplomáticas com o Egipto.

Dia da Constituição da União Soviética

O 7 de Outubro é assinalado na União Soviética como dia da Constituição. Foi há quatro anos que o Parlamento soviético, o Soviete Supremo da URSS, traduzindo a vontade do povo, aprovou a Lei Fundamental do país.

Este documento consagra uma importante etapa histórica no desenvolvimento da União

Soviética: a edificação da sociedade socialista desenvolvida. Esta Constituição define a URSS como o Estado de todo o povo.

Após a Grande Revolução Socialista de Outubro de 1917, a União Soviética teve até agora quatro constituições, cada uma das quais corrompente a determinada fase histórica.

A 10 de Outubro de 1945 foi fundado por Kim Il Sung o Partido de Trabalho da Coreia que hoje completa 36 anos de revolução na construção de uma Coreia única, socialista e próspera.

Em Outubro do ano passado teve lugar o VI Congresso do PTC, em que o líder Kim Il Sung foi reeleito no cargo de Secretário-Geral do Comité Central. Ainda segundo uma nota divulgada pela

Embaixada da RPDC em Bissau, o mesmo Congresso, «refletindo a vontade orgânica do Partido e a vontade unânime de todo o povo coreano, elegeu Kim Jong Il, para membro do Comité Permanente do Bureau Político do Comité Central do Partido, encarregando-se do trabalho partidário em geral, e membro da Comissão Militar do Comité Central do Partido».



O Presidente Kim Il Sung

Partido do Trabalho da Coreia fundado há 36 anos

FICHA TÉCNICA — JORNAL «NÓ PINTCHA»; AV. DO BRASIL, C. P. 154 — BISSAU

António Soares (Director em exercício); João Quintino (Chefe de Redacção em exercício)

Redacção: Arlette Adília; António Tavares, Baltazar Bebiano, Barnabé Gomes, Carolina Fonseca, Fernando Jorge, Fernando Perdigão, João Fernandes, José Flecha, Pedro Albino, Pedro Quadé, Raimundo Pereira, Teresa Ribeiro. Maquetagem — Cândido Camará. Fotografia: Agostinho Sá, Casimiro Cá, José Tchuda, Manuel da Costa, Mário Gomes, Pedro Fernandes. Secretária da Redacção: Eurídice Gama, Idel Miranda, Ivete Monteiro.